



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9535 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT09 - Trabalho e Educação

Tramas da Autogestão: saberes do trabalho associado numa rede de economia solidária

Betânia dos Santos Cordeiro - PPGEDU/UFRGS

Maria Clara Bueno Fischer - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Agência e/ou Instituição Financiadora: Cnpq

TRAMAS DA AUTOGESTÃO: SABERES DO TRABALHO ASSOCIADO NUMA REDE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA

RESUMO

O trabalho aborda pesquisa que analisou processos formativos desenvolvidos e saberes criados, compartilhados e sistematizados no cotidiano de trabalho associado da Cooperativa Central Justa Trama, uma rede nacional de economia solidária autogestionária com sede no Sul do Brasil. As redes são consideradas estratégicas pelo movimento de economia solidária para superar a fragmentação de sua ação econômico-político-cultural. A pesquisa se orientou pelo materialismo histórico-dialético e se realizou por meio da observação participante e de entrevistas semi-estruturadas. As principais categorias utilizadas foram práxis, autogestão, experiência, redes de economia solidária e saberes do trabalho associado. Os resultados indicam que as redes autogestionárias modificam e complexificam os processos formativos e o repertório de saberes dos trabalhadores(as), impactando suas práxis.

Palavras-chave: Saberes do trabalho associado; Práxis; Autogestão; Experiência; Redes de economia solidária

Introdução

As redes de economia solidária ^[1] são experiências históricas de produzir a vida associativamente que emergem no contexto da atual crise do capital e do trabalho assalariado, num momento de arrefecimento das lutas populares e de aumento da exploração do trabalho e da exclusão social.

Para os trabalhadores(as) do movimento de economia solidária, no Brasil, é estratégico estruturarem redes que articulem iniciativas isoladas fortalecendo a si próprias e, ao mesmo tempo, ao próprio movimento, enquanto manifestação coletiva dos interesses desses

trabalhadores(as).

As redes de economia solidária se constituem numa experiência (THOMPSON, 1981), são criadas pelos trabalhadores(as) a partir de ferramentas materiais e simbólicas que herdaram, num determinado contexto da luta de classes. Nelas, lutam por reafirmar a autogestão como estratégia de organização do trabalho e da vida que medeia sua práxis. Vivenciam experiências inconclusas que ora afirmam uma racionalidade autogestionária e ora expressam outras racionalidades forjadas nas lidas da vida e da produção capitalistas.

A experiência de desenvolvimento de uma rede desse tipo complexifica o processo formativo dos trabalhadores(as). Ela exige um aprendizado dinâmico e diário, fonte de produção de saberes, e mediações pedagógicas (ADAMS, 2014) que, através de processos de formação estruturados, propiciam reflexão crítica articulando dialeticamente teoria e prática. Isso contribui para que eles e elas reafirmem a condição solidária e autogestionária da rede, enfrentando constantemente contradições geradas pela atual hegemonia do capital.

A rede contém uma potência para o desenvolvimento, pelos trabalhadores(as), de uma práxis reflexiva-criativa (VÁZQUEZ, 2003), na medida em que ela, ao adicionar novos elementos econômico-culturais aos processos produtivos e sociais, expõe aos trabalhadores(as) desconhecidas articulações do todo social. Contraditoriamente, esses mesmos elementos podem induzir a manutenção de uma práxis utilitária (KOSIK, 1976), na medida em que os trabalhadores(as) podem buscar na racionalidade capitalista ferramentas para lidar com eles.

Metodologia e referenciais teóricos

A pesquisa se orientou pelo materialismo histórico-dialético como método e teve como procedimentos metodológicos a observação participante (CORREIA, 2009) e entrevistas semi-estruturadas (PEÓN, 2013). O trabalho de campo ocorreu entre 2017 e 2019, por cerca de 14 meses. Foram observados: (1) assembleia anual da rede; visitas a elos da rede; (4) feiras de economia solidária; (4) eventos da rede; (1) curso nacional de formação para redes; (4) palestras/seminários e reuniões envolvendo a rede e acompanhamento de seu grupo de whatsapp. As observações foram registradas em diários de campo. Foram entrevistados trabalhadores(as) da Justa Trama (8); elaboradores e executores de políticas de formação de redes no movimento da economia solidária (4); pesquisadores de redes de economia solidária (2).

A Cooperativa Central Justa Trama é uma cadeia produtiva que produz peças de vestuário feitas a partir de algodão agroecológico. Seus seis empreendimentos solidários - elos da cadeia - reúnem cerca de 600 trabalhadores(as) das cinco regiões do Brasil. Eles realizam as seguintes etapas do processo produtivo: plantio do algodão, beneficiamento de fios, tecidos e malhas, confecção de peças de vestuário e outros objetos, produção de acessórios para as peças e de adereços e comercialização dos produtos.

Os 15 anos de existência da rede articulando elos que trabalham de forma associada e autogestionária têm permitido aos integrantes da Justa Trama construir um repertório de experiências complexo, gerando reconhecimento social e interesse acadêmico^[2]. Na pesquisa, interessou analisar processos formativos e saberes construídos por esses trabalhadores(as) nessa experiência.

Foram estabelecidas como categorias de conteúdo (KUENZER, 1998) práxis,

autogestão, experiência, saberes do trabalho associado, redes de economia solidária. A práxis do ser humano se processa em sua experiência econômico-cultural que, conforme Thompson (1981), é histórica, permitindo sua compreensão como um patrimônio da classe trabalhadora que é produtora da experiência e também é produzida por ela.

A autogestão medeia parte das experiências dos trabalhadores(as) associados. O termo se aplica à gestão de uma experiência realizada por seus próprios participantes por meio da democracia direta. Ela se constitui num processo educativo com tendências de generalização na sociedade e tem forte carga experimental auto-controlada (NASCIMENTO, 2013).

A realização da autogestão alimenta o processo formativo desses trabalhadores(as) e é matéria com a qual se fundem sua cultura e seus saberes do trabalho. Os saberes do trabalho associado são os resultantes de experiências de trabalho caracterizadas pela apropriação coletiva dos meios de produção, pela distribuição igualitária dos resultados do trabalho e por democracia nas decisões quanto à gestão do processo de trabalho, ao destino dos excedentes e aos rumos da produção, criando uma cultura e uma pedagogia da produção associada (TIRIBA, 2008). É possível classificar saberes do trabalho em técnico-produtivos e ético-políticos (ADAMS, 2014), considerando que a classe trabalhadora é uma formação tanto econômica como cultural (THOMPSON, 1981).

Análise e discussão de dados

A seguir, analisam-se elementos relevantes da constituição da práxis do trabalho associado autogestionário em rede envolvendo saberes ético-políticos, técnico-produtivos construídos na experiência da Justa Trama.

Quando os empreendimentos passam a participar em rede, aumenta a complexidade da gestão do processo produtivo a ser desenvolvido. Trata-se do desafio de unir unidades de produção diferentes, em termos de natureza e organização do trabalho, e com histórias de trabalho associado e autogestionário particulares.

A Justa Trama articula trabalhadores(as) que estão distantes geograficamente com a necessidade de realizar a autogestão. Seus elos estão localizados no Rio Grande do Sul, no Ceará, em Rondônia, no Mato Grosso do Sul e em Minas Gerais. Esse distanciamento interfere em suas pretensões e definições e em seus modos de ser autogestionária. Ele levou à instituição de níveis de representação, como a eleição de uma diretoria que se reúne em assembleia duas vezes por ano; ao uso de tecnologias de comunicação e de ferramentas digitais como redes sociais para aumentar o fluxo de informação entre os participantes da cadeia; e induziu a estratificação de níveis de decisão e de execução.

Identificou-se pelos menos três estratos de decisão, nos quais a autogestão é praticada em diferentes níveis: 1) o de decisões estratégicas-norteadoras; 2) o de decisões táticas, de médio alcance; 3) o de decisões operacionais, ligadas ao dia a dia produtivo da cadeia. A participação de trabalhadores(as) de todos os elos é maior no primeiro estrato, sendo menor no segundo e menor ainda no terceiro.

No caso da Justa Trama, também é possível estabelecer uma relação entre a expressividade do impacto da rede no resultado operacional do empreendimento e a atuação de seus trabalhadores(as) dentro da cadeia. Quanto mais a rede alimenta o elo, ele também a alimenta, o que significa se envolver com ela, apropriar-se dela cada vez mais. De um ponto de vista formativo e da autogestão, apropriar-se da rede com suas dinâmicas externas e internas, tem um significado importante, porque os trabalhadores(as) vão compreendendo,

cada vez mais, a totalidade da qual sua experiência faz parte.

Também pode influenciar essa “alimentação” dos elos para a rede o lugar que cada um deles ocupa na gestão do grupo. O último elo da cadeia, a cooperativa de costura, se responsabiliza também pela comercialização dos produtos e é onde está, formalmente, a sede da rede, de forma que muitas questões de gestão operacional são resolvidas ali nesse elo. Isso possibilita uma participação mais qualificada dessas trabalhadoras.

Um terceiro elemento é o nível de estruturação econômica e política de cada empreendimento em determinado momento de sua história. É possível considerar que quanto mais estruturado e forte em seu território estiver o elo, maior será a possibilidade de que agregue elementos à rede, de que intensifique seus fluxos para dentro do coletivo, de que influencie posicionamentos e ações dentro da própria rede.

Verifica-se, então, que as relações que ligam os integrantes de uma rede possuem conteúdo e força variados. E é nesse sentido menos explícito, ou seja, é nas variadas intensidades dos fluxos trocados que a atuação de um elo dentro da cadeia pode se diferenciar da de outro, influenciando mais a autogestão da rede do que o fazem as assembleias ou os momentos formais de participação instituídos pelo grupo, por exemplo.

O fato de ser formada por unidades de produção associadas de naturezas diferentes proporciona aos trabalhadores(as) da Justa Trama desafios e aprendizagens. Cada unidade é um elo de uma mesma corrente, mas cada uma possui características, processos de produção, demandas específicos e navega por um mar de saberes técnico-produtivos e ético-políticos particulares. Reunir trabalhadores(as) de diferentes segmentos produtivos é um elemento potente de enfrentamento da alienação do trabalho e, portanto, de uma práxis transformadora. São eles(as) que decidem condições de trabalho, preço, investimentos e comercialização, reduzindo significativamente o distanciamento do trabalhador do processo e do resultado de seu trabalho coletivo e, portanto, a fragmentação da gestão e do conhecimento sobre o trabalho. A condição de rede abre uma fenda pela qual o trabalhador(a) enxerga elementos que explicam sua realidade, mas que ficam, em geral, invisíveis no frenesi cotidiano nos elos, ou, nos termos de Kosik (1976), ela contribui para o trabalhador(a) romper, em alguma medida, com sua práxis utilitária e se aproximar mais da essência dos eventos e não apenas de sua manifestação fenomênica.

Uma estratégia altamente formadora utilizada pela Justa Trama é o rodízio entre os elos para sediar suas assembleias. Elas sempre começam com o relato dos trabalhadores(as) de cada elo sobre a gestão do empreendimento, sua situação financeira e produtiva, o que atualiza e reafirma relações entre trabalhadores(as) antigos da rede e introduz os novos. Os participantes têm ainda a oportunidade de conhecer a estrutura do elo sede da assembleia e sua dinâmica de trabalho. Outros momentos formativos são os intercâmbios entre seus participantes e as atividades nas quais eles(as) precisam apresentar a rede a terceiros.

Diagnosticar e planejar a produção em cadeia (saberes técnico-produtivos), além de conhecer as razões e emoções de uma boa ou de uma má colheita, ou reconhecer o aprendizado de operar uma nova máquina vão movimentando dentro da cadeia práticas amalgamadas de valores e saberes ético-políticos como democracia, solidariedade, empatia, respeito, compromisso e confiança, reforçando a identidade coletiva.

Além disso, destaca-se que os ensinamentos aprendidos nas experiências da rede são levados pelos trabalhadores(as) para seus elos, influenciando sua dinâmica interna. Assim se completa um ciclo de retroalimentação entre rede e elos.

Considerações finais

Buscou-se apresentar em linhas gerais que a condição de rede modifica e complexifica o repertório de saberes técnico-produtivos e ético-políticos dos trabalhadores(as) nela envolvidos. Ela expõe aos trabalhadores(as) e os obriga a manejar elementos da totalidade social em que estão inseridos até então pouco conhecidos por eles(as). Impactados por essa condição, os trabalhadores(as) têm a oportunidade de desenvolverem uma práxis criativa, transformadora e dão vida a saberes que são seus! Às vezes avançam numa práxis reflexiva, explicando sua atual condição histórica de trabalhador. Às vezes reproduzem uma práxis utilitária.

Trata-se de afirmar a formação do trabalhador(a) para o estabelecimento de práticas autogestionárias e da construção de um trabalhador(a) de novo tipo, um “ser autogestionário”.

Referências

ADAMS, Telmo. Educação na economia solidária: desafios e perspectivas. *Educação*, Santa Maria, v. 39, n. 3, set./dez. 2014.

CORREIA, Maria da Conceição. A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar Enfermagem*, v. 13, n. 2, 2º semestre, 2009.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KUENZER, Acacia. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). *Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século*. Petrópolis: Vozes, 1998.

LAVILLE, Jean-Louis; GAIGER, Luiz Inácio. Economia Solidária. In: CATTANI, A. et al. (Coord.). *Dicionário Internacional da Outra Economia*. Coimbra: São Paulo: Almedida; Almedina Brasil, 2009, p.162-168.

NASCIMENTO, Claudio. Experimentação autogestionária: autogestão da pedagogia/pedagogia da autogestão. In: BATISTA, E.; NOVAES, H. (Orgs.). *Trabalho, Educação e Reprodução Social: as contradições do capital no século XXI*. Bauru: Canal 6, 2013.

PEÓN, Fortino. Un acto metodológico básico de la investigación social: la entrevista cualitativa. In: TARRÉS, M. L. (Coor.). *Observar, escuchar y comprender. Sobre la tradición cualitativa en la investigación social*. México: El Colegio de México; Flacso México, 2013.

THOMPSON, Edward. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros*. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

TIRIBA, Lia. Cultura do trabalho, autogestão e formação de trabalhadores associados na produção: questões de pesquisa. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 26, n. 1, jan./jun. 2008.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia de la práxis*. México: Ciclo XXI Editores, 2003.

[1] Sobre o conceito de economia solidária ver Laville e Gaiger (2009).

[2] Até 2020, o Banco de Teses e Dissertações da Capes registrava 13 pesquisas sobre a rede.